

ESTUDO VARIACIONISTA DOS POSSESSIVOS *TEU* E *SEU* EM CARTAS PORTUGUESAS DO SÉCULO XIX

A VARIATIONIST STUDY OF THE POSSESSIVES *TEU* AND *SEU* IN NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE LETTERS

Célia Regina dos Santos Lopes¹, Ana Luiza Neves Martins Lisboa dos Santos²,

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-4344-1039>
celiar.s.lopes@letras.ufrj.br

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4289-8114>
analuizanevesmartins@gmail.com

Recebido em 05.07.2026

Aceito em 04.08.2026

Resumo: O presente artigo analisa os contextos linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso dos possessivos de segunda pessoa do singular (*teu* e *seu*) no português europeu (PE). O *corpus* é constituído por 727 cartas portuguesas escritas entre 1800 e 1830, pertencentes ao projeto *Post-Scriptum*. O estudo fundamenta-se nos princípios da Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), articulados aos pressupostos da Teoria do Poder e da Solidariedade (Brown; Gilman, 1960). As hipóteses de pesquisa foram formuladas a partir dos resultados de estudos variacionistas sobre o mesmo fenômeno no português brasileiro (Martins; Vargas, 2014; Lucena, 2016, 2019; Pinheiro, 2021, entre outros). Os resultados evidenciam que os possessivos estão intimamente relacionados às formas de sujeito. Do ponto de vista social, a variante *seu* foi favorecida no período mais recuado da amostra (1800), nas relações familiares e de amizade mais distantes e nas relações assimétricas. A forma *teu*, por sua vez, ocorreu preferencialmente em relações marcadas pela intimidade. Em termos linguísticos, o possessivo *seu* predominou nos contextos mais prototípicos de posse, especialmente naqueles que envolvem posses alienáveis.

Palavras-chave: Possessivos. Segunda pessoa. Variação diacrônica.

Abstract: This article examines the linguistic and extralinguistic contexts that condition the use of the second-person singular possessive forms *teu* and *seu* in European Portuguese. The *corpus* consists of 727 Portuguese letters written between 1800 and 1830 and drawn from the Post-Scriptum project. The study is grounded in the principles of Historical Sociolinguistics (Conde Silvestre, 2007) and informed by the Theory of Power and Solidarity (Brown; Gilman, 1960). The research hypotheses were formulated on the basis of findings from variationist studies addressing the same phenomenon in Brazilian Portuguese (Martins; Vargas, 2014; Lucena, 2016, 2019; Pinheiro, 2021, among others). The results show that possessive forms are closely associated with subject forms. From a social perspective, the variant *seu* was favored in the earliest period of the sample (1800), in more distant family and friendship relationships, and in asymmetrical social relations. In contrast, *teu* occurred more frequently in relationships characterized by intimacy. Linguistically, the possessive *seu* predominated in more prototypical contexts of possession, particularly those involving alienable possession.

Keywords: Possessive forms. Second person. Diachronic variation.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a variação entre os pronomes possessivos *teu* e *seu* (e respectivas flexões), empregados como formas de segunda pessoa do

singular (2SG), em cartas portuguesas escritas na primeira metade do século XIX. Considerando a ausência de estudos variacionistas mais robustos sobre o fenômeno no português europeu (PE), a pesquisa adota os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Histórica (SH), conforme propostos por Conde Silvestre (2007).

O *corpus* é constituído por 727 cartas privadas escritas entre 1800 e 1840¹ por portugueses pertencentes a diferentes estratos sociais, desde grupos socialmente menos prestigiados — como empregados, soldados, artesãos e ladrões — até membros dos setores mais abastados da sociedade, incluindo integrantes da administração pública, do clero, da magistratura e da nobreza.

Por se tratar de documentação produzida em um período de transição entre o Antigo Regime e o liberalismo, em uma sociedade hierarquizada e marcada pelo enfraquecimento progressivo do poder monárquico, consideramos pertinente adotar, para a descrição do fenômeno, a teoria do Poder e da Solidariedade de Brown e Gilman (1960).

A variação das formas possessivas de 2SG no português tem despertado grande interesse, sobretudo no Brasil, seja na perspectiva sincrônica², seja na diacrônica³, em razão da profunda reorganização que afetou o sistema pronominal com a gramaticalização de *Vossa mercê* (V.M.) > *você*. No caso do PE, entretanto, o sistema manteve-se relativamente mais conservador e estável, razão pela qual as pesquisas tendem a concentrar-se mais nas dimensões pragmáticas e socioculturais das formas de tratamento do que propriamente na variação estrutural entre *teu* e *seu*.⁴

As origens desse fenômeno variável podem estar associadas às mudanças sociais refletidas linguisticamente na emergência e disseminação das formas de tratamento de base nominal no português. No que se refere especificamente aos possessivos, os estudos mostram que o aumento da frequência de uso de *Vossa Mercê*, a partir do século XV, introduziu o possessivo *seu*, originalmente associado à 3P, no paradigma pronominal de 2SG (cf. Faraco, 2017). Desde o período medieval,

¹ O material pertence ao projeto *Post Scriptum* (P.S.) coordenado por Rita Marquilhas, da Universidade de Lisboa, e está disponível em <http://teitok.clul.ul.pt/postscriptum/pt/index.php>.

² Cf. Silva, 1984; Abraçado, 2000; Arduin, 2005.

³ Cf. Araújo, 2018; Barbosa, 2018; Martins e Vargas, 2014; Rumeu e Pedrosa, 2024; Callou e Rumeu 2025.

⁴ Ver Carreira, 2004.

seu relacionava-se às formas nominais de distanciamento que expressavam relações de Poder, como *V. M.*, *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência*. Nesse contexto, o possessivo podia inclusive funcionar como variante de *vosso* na referência a um único interlocutor.

Com a expansão das formas nominais, a perda gradual de seus valores de distância e a gramaticalização de *V.M. > você*, o possessivo *seu* passou a variar com *teu* também no domínio da intimidade, sobretudo no português brasileiro (PB).

No caso de *seu*, foco da pesquisa, o processo de variação e mudança levou uma forma originalmente associada à terceira pessoa (3P) a funcionar também como segunda pessoa (2P), produzindo uma situação de ambiguidade referencial expressiva. Atualmente, *seu* ainda pode corresponder a quatro combinações de pessoa e número: 3SG e 3PL (variando, em ambos os casos, com os *de-possessivos dele(s)/dela(s)*, 2SG (variando com *teu*) e 2PL (variando com *de vocês* no PB e com *vosso* no PE).

A escolha do *corpus* de cartas pessoais justifica-se pelo fato de ser um subgênero que favorece relações interativas entre remetente e destinatário, viabilizando o uso de possessivos de 2SG em contextos mais espontâneos.

As nossas hipóteses foram formuladas a partir dos resultados dos estudos diacrônicos de Martins e Vargas (2014), Lucena (2016, 2019), Pinheiro (2021), entre outros. A primeira postulação prevê que, assim como ocorre no PB, o uso dos possessivos estaria intimamente relacionado à forma de sujeito. Desse modo, as relações sociais e funções estabelecidas entre os missivistas e os destinatários seriam fatores relevantes para a escolha dos possessivos: formas nominais de distanciamento favoreceriam *seu*, ao passo que o pronome mais íntimo *tu* favoreceria *teu*. Em termos linguísticos, supomos ainda que a forma nova *seu* ocorreria preferencialmente em contextos mais prototípicos de posse, como as posses alienáveis, conforme observado no PB por Lucena (2016).

Tendo em vista o exposto, buscamos responder às seguintes questões: (i) Como se distribuem as formas *teu* e *seu* entre 1800-1840 em cartas do PE? (ii) O tratamento empregado na posição de sujeito interfere no uso dos possessivos? (iii) Os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem o emprego de *teu* e *seu* no PE são os mesmos observados para o PB? (iv) O tipo de posse condiciona a escolha do possessivo de 2SG nas

cartas analisadas?

O artigo está organizado em seis seções. Além da introdução, a seção 2 descreve o objeto e revisa as abordagens da variação entre *teu* e *seu*, tanto no PE quanto no PB. Na seção 3, há as bases teóricas e o *corpus*. A seção 4 dedica-se a aspectos metodológicos e à análise dos resultados. Em 5 estão as considerações finais seguidas pelas referências bibliográficas.

2. A DESCRIÇÃO DO OBJETO E UMA BREVE REVISÃO DO TEMA

A origem histórica da variação entre *teu* e *seu* como possessivo de SG está atrelada a mudanças sociais que forjaram a evolução das formas de tratamento de base nominal e pronominal. No latim, havia um sistema dual, com o pronome *tu* usado em contextos informais, e o *vós*, para um único interlocutor como forma de cortesia (Faraco, 2017). Esse emprego de *vós* de distanciamento, por exemplo, ainda existe no francês com o *vous* respeitoso e formal (*vouvoiement*). No português, esse *vós*, como forma de tratamento ao rei e à nobreza, sofreu um espraçamento de seu uso, passando a ser empregado a pessoas de outros níveis sociais. Surgem, assim, as formas nominais de tratamento que aparecem nas atas das Cortes em momentos diferentes.

Alguns desses tratamentos mantiveram seus valores sociais (*Vossa Alteza*, *Majestade*), outras, entretanto, como *Vossa Senhoria*, *Excelência* e, principalmente, *V. M.*, passaram por processo análogo a *vós*, deixando de ser usado em referência ao Rei e se espraçando por subordinados ao se dirigirem à aristocracia na documentação epistolar. *V.M.* foi a única estratégia de tratamento honorífico no domínio do discurso que enveredou pelo âmbito da gramática como pronome de 2SG (*V.M.* > *você*).⁵

Como os possessivos participam desse processo de mudança? Ora, os tratamentos de base nominal trazem traços de 3P, mas se referem à 2P. A presença desses traços está nos verbos (*V.M. faz*) e nas formas do paradigma que se mantém com a 3P: nominativo (*V.M.*), clíticos acusativos (*o,a*), dativos (*lhe, para V.M.*), oblíquos

⁵ Para maiores detalhes sobre essa discussão, ver Coelho, Lopes, Rumeu e Souza (2025, p.166).

(*preposição + V.M.*), genitivos (*seu(s)/sua(s)*). Isso fez com que se criassem dois ou mais sistemas em referência à 2SG nas diversas funções sintáticas. No PE, em que há maior estabilidade, tem-se um quadro pronominal canônico descrito nas gramáticas para o trato mais íntimo (*tu/te/ti/contigo/teu*) e outro para marcar distância. Esses últimos mantiveram as formas de 3ª pessoa a depender do grau de distanciamento⁶

2.1 A DESCRIÇÃO DAS GRAMÁTICAS PORTUGUESAS E BRASILEIRAS

Na descrição gramatical, tanto nas gramáticas do PE quanto nas do PB, o pronome *teu* é mais frequentemente descrito como de 2SG, enquanto *seu* está ligado à 3P, (cf. Mateus, 2003 e Raposo *et al*, 2013 para o PE; Lima, 2018, e Bechara, 2009 para o PB).

No PE, tal distribuição está bem estabelecida e o fenômeno não desperta interesse em termos variacionistas. No PB, por sua vez, como *tu* e *você* podem ser empregados com valor de intimidade em diversas localidades, a variação *teu* e *seu* tem recebido uma abordagem descritiva diferenciada, pois as variantes podem ocorrer tanto com o sujeito *tu* quanto com *você*. Em (1), temos *teu* e *seu* em carta brasileira com o sujeito *tu*:

(1) “se eu não arranjar *tu* vaes me emprestar o **teu**, e *tu* sabes **seu** bonet, que é mais bonito.” (Casal Jayme e Maria, 2/021937)

Nas cartas do PE, apesar de a variação no mesmo documento ser bastante rara, identificamos exemplos de *teu/seu*. Em (2), a remetente trata por *vos* (*vos ver*) e por *tu* (*dizer-te*), além de usar ora *sua*, ora *tua*. Em (3), o tratamento é *V. M* (*Vmce hé*) e *tu* (*tu dizes*) com variação entre *seo/sua* e *teo/tua*:

(2) “(...) espero que sera por poco tempo a Ceos quem tivesse a dita de Vos Ver na Libardade (...) aseite o meu coração saudouZo desta que lhe pormete ser firme i constante ate a morte pois a **sua** carta ca a tenho rezreVada dentro do meu coração (...) quis *dizerte* adeos não

⁶ No nominativo (*Vossa Excelência/você/o senhor/prenome/...*⁶), acusativo (*o/Vossa Excelência/você/o senhor*), dativo (*lhe/prep a e para. + Vossa Excelência/você/o senhor*), oblíquo (*prep + Vossa Excelência/você/o senhor*) e genitivo (*seu ou de+ Vossa Excelência/você/o senhor*). No PE, essa separação é bastante clara com pouquíssima variação.

pude a linda mão **tua** apertei com esta ternura (Carta de uma portuguesa, assinada E., escrita para José Moro, preso, 1829)

(3) “eu tenho huma denuncia pma mão a **Seo** Respeito da **Sua** vizinhança com quatro testemunhas aSentadas dessa va q *Vmce* he máo homem e q he jácobino e a Respeito do nosso Principe (...) *tu dizes* q o dro q era **teo** pois mais não he pella **tua** boca não merece ser Castigado porq o não llevantou de **sua** Cabeça” (Carta de António M. Vidal, escrita para Manuel V. Lampreia, lavrador, 1821).

Raposo *et al* (2013), diferentemente de Mateus (2003), menciona a relação entre o uso dos possessivos e as pessoas do discurso no quadro 1:

Quadro 1 – Pronomes de segunda pessoa “não-canônicas”

	FORMAS TÔNICAS			FORMAS ÁTONAS (CLÍTICAS)	
	SUJ (NOM.)	CP (OBLÍQUO)	POSSESSIVO (GENITIVO)	CD (ACUSATIVO)	CI (DATIVO)
2sg	Tu	ti, contigo	teu, tua, teus, tuas	Te	Te
	Você	você, si, consigo	seu, sua, seus, suas	o, a, se	Lhe
2pl	Vós	vós, convosco	vosso, vossa, vossos, vossas	Vos	Vos
	Vocês	vocês, convosco	vosso, vossa, vossos, vossas seu, sua, seus, suas	os, as, vos, se	lhes, vos

Fonte: Adaptado do Quadro 2 de Pronomes pessoais (Raposo, 2013, p. 902)

Descritivamente o autor avança ao incorporar as novas formas pronominais *você/vocês* na função de sujeito ao lado dos antigos pronomes *tu* e *vós*. Tal inserção rompe com a tradicional “uniformidade de tratamento” por prever variantes de paradigmas distintos. O autor considera, para o PE, *voss-o(s)-a(s)*, *vos*, *convosco* do antigo paradigma de *vós* como formas associadas ao paradigma *vocês*, configurando um sistema que tem sido chamado de “misto”. Para o singular, o autor não prevê, entretanto, a possibilidade de *teu(s)-tua(s)* relacionados a *você*, como ocorre no PB.

Em nota, Raposo (2013, p.1050) faz menção ao uso raro de *vosso* em situações de extrema formalidade e traz um exemplo com *você* na posição de sujeito: *Vossa* chegada no aeroporto. // *Você* chegou no aeroporto. Menciona ainda que *seu* corresponde gramaticalmente à 3SG “mas é usado neste contexto como pronome semanticamente de 2P.”: *Sua* chegada no aeroporto. // *Você* chegou no aeroporto.

As gramáticas brasileiras visitadas (Lima, 2018 e Bechara, 2009) seguem a

perspectiva portuguesa mais conservadora ao considerarem apenas os possessivos *teu, tua, teus, tuas* para a 2SG. Os pronomes *seu(s)/sua(s)* estão relacionados apenas à 3SG e 3PL.

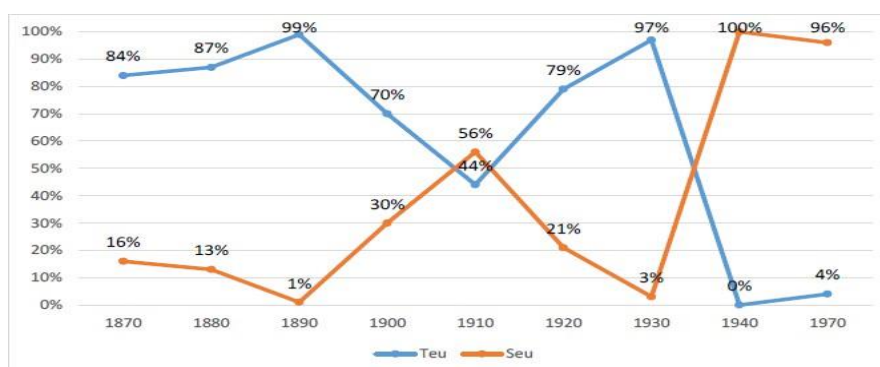
Sem trabalhos variacionistas para o PE, trazemos estudos do PB em 2.2.

2.2 OS POSSESSIVOS DE 2SG EM *CORPORA* HISTÓRICOS DO PB

Martins e Vargas (2014) analisam os possessivos de 2SG a partir de 451 cartas de leitores de jornais brasileiros das regiões Sul (SC), Sudeste (RJ) e Nordeste (RN e BA) dos séculos XIX-XX. Os autores encontraram 214 ocorrências do possessivo: 180 de *seu* (84%) e 34 de *teu* (15%). Quanto aos fatores linguísticos, identificaram as relações entre o sujeito e o possessivo utilizado: cartas de *tu* sem ocorrências de *seu*; cartas de *você, o senhor* e outras formas nominais com uso categórico de *seu*. Quanto aos sociais, houve uma grande diferença no uso dos possessivos em relação à localidade. No RN e RJ, *seu* foi categórico; mas em SC e na BA, a presença *teu* foi significativa.

Lucena (2016) analisou 363 missivas produzidas entre 1857- 1979 por moradores do estado do Rio de Janeiro. No *corpus*, identificou 1376 ocorrências, sendo 1041 de *teu* (76%) e apenas 335 de *seu* (24%). O gráfico 1 ilustra os avanços e recuos irregulares no uso das variantes:

Gráfico 1 – A distribuição de *teu/seu* ao longo das décadas



Fonte: Extraído de Lucena (2016, p.70).

Lucena identificou cinco grupos de fatores relevantes: forma usada como

sujeito, tipo de posse, animacidade, período histórico e gênero dos missivistas.

Com relação ao primeiro, Lucena mostra certa manutenção dos paradigmas aos quais pertencem os possessivos: quando se utilizava *tu*, o possessivo *teu* era preferido, e quando se utilizava *você*, optava-se por *seu*. A autora identificou cartas “mistas” (com *tu* e *você*) com maior uso de *teu* até 1930. Após essa fase, *seu* aumenta de frequência acompanhando o *você* sujeito.

Quanto ao tipo de posse, Lucena considerou três casos: alienável (o possuído pode ser transferido a outros, como *sua chave*), inalienável (quando o possuído não pode ser transferido a outros e é inerente ao possuidor, como *seu pai*) e o que a autora chamou de “extensão de posse” (casos em que não está clara a relação de inalienabilidade, como *sua resposta*). Os resultados indicam que *seu* foi mais produtivo nas posses alienáveis e nas de sentido estendido, enquanto as inalienáveis “mostraram-se mais resistentes” ao *seu* de 2SG.

A animacidade do sintagma possessivo foi selecionada apenas em cartas de 1940-1979: *seu* foi favorecido em sintagma [inanimado], como em *sua presença*.

Quanto aos sociais, o período e o gênero/sexo foram selecionados. No fim do século XIX, *teu* prevalecia acompanhando *tu* (+frequente). A partir de 1930-40, *seu* predomina ainda que haja *teu*. Os resultados do gênero do missivista indicaram que *seu* foi favorecido por mulheres ilustres nas fases mais remotas, corroborando a hipótese de que formas inovadoras não estigmatizadas são adotadas pelas mulheres (Labov, 1994). Gradativamente, *seu* se espraia nas cartas de homens ilustres e de não-ilustres.

Pinheiro (2021) estudou o tema em 133 cartas mineiras dos séculos XIX e XX. Os resultados apontaram 80% de *seu* e apenas 20% de *teu*, o que também confirma a relação entre possessivo e o sujeito, já que em MG prevalece *você/ocê/cê*. A autora encontrou 94% de *seu* em 1930, com 6% de *teu*. Nas relações entre os missivistas, identificou predomínio de *seu* nas relações assimétricas descendentes e simétricas.

Na sequência, serão apresentadas as bases teóricas do estudo e características do *corpus*.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS ELEMENTARES

O estudo fundamenta-se, em linhas gerais, pelos postulados da SH no sentido de investigar os materiais históricos do passado para compreender processos de variação diacrônica. A SH parte dos princípios gerais da Teoria de Variação e Mudança de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e busca estabelecer correlações probabilísticas (covariação) entre fatores independentes, de natureza linguística, estilística e/ou social, além de observar a estrutura das comunidades que as utilizam (Conde Silvestre, 2007).

O maior dilema dos estudos em SH é recuperar fontes escritas pretéritas que sobreviveram por sorte. Trata-se de um desafio não previsto pela perspectiva laboviana que lida com dados de fala.

Na pesquisa com formas interativas, como os pronomes, temos analisado cartas pessoais pelo seu caráter dialógico. A carta guarda traços de proximidade comunicativa, o que evidencia o uso da língua em situação de maior espontaneidade. O gênero permite recuperar informações sociais, como local, data, escrevente, destinatário. Obviamente que nem sempre é possível reconstruir todos os fatores sociais relevantes para o estudo da variação: as relações familiares, a mobilidade social e as relações de poder e solidariedade.

No nosso *corpus*, há, por exemplo, um número bem diversificado de formas tratamentais associadas à organização social da época. Desse modo, consideramos a Teoria de *Poder* e *Solidariedade* de Brown e Gilman (1960). Os autores usam a oposição entre T (do latim *tu*) que marca intimidade e V⁷ (do latim *vos*, indicando cortesia e formalidade).

As relações de Poder são assimétricas por natureza. Uma pessoa tem poder sobre a outra quando controla o seu comportamento ou apresenta diferença etária, posição social e/ou institucional, força física etc. As relações assimétricas podem ser descendentes (de um superior a inferior) ou ascendentes (de inferior a superior). As relações de Poder não são, por hipótese, recíprocas: o superior trata o subordinado por T (informal), mas exige V (formal) em troca.

As relações solidárias são marcadas por características compartilhadas entre os interlocutores, maior contato físico e afetividade. São ditas simétricas quando há

⁷ Para as línguas modernas, com o desuso de vós para um único interlocutor, o (V) se estendeu para as formas nominais de tratamento e depois para você (em português) e *usted* (no espanhol).

igualdade funcional entre os participantes da interação, favorecendo o uso mútuo de (T). Para o período das cartas em estudo, essa perspectiva ainda nos parece válida numa sociedade portuguesa marcada pelas relações hierárquicas.

3.1 O CORPUS

As cartas analisadas foram obtidas a partir do *corpus Post-Scriptum*, que é uma continuação do projeto *CARDS – Cartas desconhecidas*, anteriores a 1900. As cartas portuguesas do projeto são provas documentais para condenar ou absolver as pessoas relacionadas a essas missivas e foram arquivadas nos processos judiciais da época.

Para a pesquisa, foram utilizadas 727 cartas portuguesas do século XIX (1800 a 1830), distribuídas de forma não homogênea⁸: Isso acontece porque se trata de um material sobrevivente do passado (Conde Silvestre, 2007).

Os missivistas distribuem-se por variadas funções sociais: reis, membros do clero e nobreza, comerciantes, proprietários de terra, ladrões, servos, funcionários públicos. Há ainda as cartas de familiares e de amizade.

Na seção a seguir, são descritas brevemente a metodologia utilizada, os grupos de fatores, e na sequência, os resultados obtidos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A fim de facilitar o levantamento e a análise dos dados, foram propostos oito grupos de fatores, sendo quatro linguísticos e quatro extralinguísticos. Os dados foram codificados no Excel e submetidos ao programa GoldVarb-X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) para o cálculo das frequências brutas. Além disso, foram feitas análises estatísticas de regra variável para identificar o peso relativo⁹ (relevância) de cada grupo de fatores na explicação do fenômeno. Essa opção metodológica deveu-se ao fato de termos no *corpus* um número muito alto da variante *seu* (1188 dados) sobre *teu* (358 ocorrências). Com tal resultado, todas as variáveis independentes apresentaram altos índices de frequência para *seu*, o que dificulta na

⁸ São 36 cartas escritas entre 1800-09, 150 entre 1810-19, 467 entre 1820-29 e 74 entre 1830-33.

⁹ Valores acima de .500 são favorecedores da regra variável, abaixo de .500 são desfavorecedores.

identificação do fator que poderia estar favorecendo ou desfavorecendo cada uma das variantes em análise.

Na rodada estatística, consideramos como variável dependente as formas possessivas *teu* e *seu*. Os grupos de fatores linguísticos controlados foram: (i) a forma de tratamento que prevalece na carta como sujeito: *Tu*, *V.M.*, *Forma Nominal*, *você*, *3ª pessoa sem referência*, além de “cartas mistas” em que havia mais de uma forma de tratamento: *V.M. + outra forma nominal*, *V.M + tu*, *V.M. + você*; (ii) tipo de posse: alienável vs. inalienável; (iii) subtipos de posse: objeto/coisa, parentesco, partes do corpo, extensão de posse, posse afetiva, outros casos.

Quanto às variáveis extralinguísticas, controlamos: (iv) década de escritura da carta; (v) gênero do missivista; (vi) parentesco/ função social do missivista: cargos do alto escalão (realeza, clero, judiciário, administração pública); trabalhadores comerciais e agrícolas (fazendeiro, lavrador, negociante); familiares (casal, amigos, padrinho, pai/mãe, irmãos, compadres, primos, cunhados); (vii) relações simétricas x assimétricas (ascendentes e descendentes) entre os missivistas.

4.1 DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS DE *SEU* E *TEU* NA AMOSTRA DE CARTAS PORTUGUESAS (1800-1839)

No levantamento inicial dos possessivos de 2SG nas 727 cartas, obtivemos 1546 ocorrências, sendo 1188 de *seu* (76,80%) e apenas 358 de *teu* (23,20%).

Em princípio, tal supremacia de *seu* no *corpus* não era esperado, uma vez que no PE contemporâneo as formas do paradigma de *tu*, no caso *teu*, prevalecem sobre *seu* quando há intimidade e proximidade.

Nossos resultados estão associados, entretanto, à natureza do *corpus* do século XIX em análise pelo predomínio de cartas marcadas por relações de poder, o que favorece o emprego das diferentes formas nominais de tratamento de distância (Lopes, Martins e Souza, 2021). Como descrito, em 3.1, embora haja cartas trocadas entre trabalhadores, comerciantes e familiares, há um conjunto relevante de missivas destinadas à alta sociedade oitocentista, incluindo o rei, a nobreza, o clero, entre outros. Com tal diversidade, prioritariamente na esfera pública, as formas nominais de distanciamento como *V. M.*, *Vossa Majestade*, *Vossa Alteza Real*, *V. Ex.^a*, *Vossa*

Reverendíssima, são recorrentes entre as formas nominais, o que impulsionou o uso de *seu* e não *teu* como mostra a tabela 1:

Tabela 1 – Uso de *teu* e *seu* de acordo com o tratamento empregado

Forma de tratamento que prevalece na carta	Uso do <i>seu</i>		Uso do <i>teu</i>		Total
Vossa Mercê	555	100%	0	0%	555 (35,9%)
Forma Nominal	359	100%	0	0%	359 (23,3%)
Tu	3	1,2%	257	98,8%	260 (16,8%)
3ª pessoa	133	100%	0	0%	133 (8,6%)
Você	10	100%	0	0%	10 (0,6%)
Vossa Mercê + Forma Nominal	60	100%	0	0%	60 (3,9%)
Vossa Mercê + Vós	7	100%	0	0%	7 (0,5%)
Vossa Mercê + Você	5	100%	0	0%	5 (0,3%)
Vossa Mercê + Tu	14	58,3%	10	41,7%	24 (1,6%)
Tu + Forma Nominal	2	40%	3	60%	5 (0,3%)
Tu + 3ª pessoa	30	31,6%	65	68,4%	95 (6,1%)
Tu + Vós	7	23,3%	23	76,7%	30 (1,9%)
Vós + 3ª pessoa	1	100%	0	0%	1 (0,1%)
Vós + Forma Nominal	2	100%	0	0%	2 (0,1%)
TOTAL	1188	76,8%	358	23,2%	1546

Fonte: Elaboração própria

Destacamos que a maioria das ocorrências de *seu* estão em cartas de V. M. (555 dados) e os dados de *teu* prevaleceram majoritariamente em cartas de Tu (257 dados, 98,8%) com 3 dados de *seu* (1,2%). Outro resultado interessante é o fato de não identificarmos variação da forma possessiva com tratamentos de base nominal. Nas cartas com as formas V. M. (555 dados), *formas nominais* (348), *você* (10) e *nulo* (133) só foram identificados casos de *seu*:

(4) Com grande gosto recebi a **[cua]** carta e istimei mto o **Vmce** estar tão confortado e juntamente lugrar caude perfeita (Carta de Gertrudes R. Conceição, presa, para António José Ferreira, caixeiro, preso, 1822).

(5) rogo a **VSa** o **[seu]** perdão como quem fica suplicando pelo respeito a VSa. (Carta de José da S. Coelho, aprendiz de alfaiate, para José I. da C. Fragoso, prior, 1825).

(6) he justamente o que em **[você]** se verifica a meu respeito, escrevo-lhe continuamte, pagando aqui o porte para nao sobrecarregar com despesas que nao tem obrigacao de fazer, e nem assim tira um bocadinho de tempo pa responder a hum deportado q he

verdadeiramente [seu] Amo. (Carta de Mário, religioso, para frei António de São T. Carreno, religioso, 1823).

Embora seja um comportamento bastante raro na amostra, identificamos a presença de mais de um tipo de tratamento (como sujeito, vocativo ou em outros contextos) nas cartas portuguesas e, por consequência, houve variação entre *seu* e *teu*. Foram identificadas cartas com a presença de *tu* e *V.M.* e nelas houve variação nos possessivos (58,3% de *seu* e 41,7% de *teu*); nas cartas em que havia *tu* e formas nominais, *tu* + 3ª pessoa (sujeito nulo), *tu* + vós *tu*, o possessivo *teu* prevaleceu sobre *seu*, respectivamente: 60% vs. 40%, 68,4% vs. 31,6%, 76,7% vs. 23,3%). Em (7), há o vocativo *Senhora* e a forma verbal de *tu* (*injuries*), além da variação *sua* e *tuas*:

(7) pois bem **Snra** cumpra a [sua] vontade à custa de mas lagrimas (...) e sabe que inda que mto me ***injuries*** que eu já das [tuas] offenças me não escandalizo (Carta de Jacinto J. de Q. Moura, estudante, para a sua amante, Josefa V. de Campos, 1817).

Em suma, como as cartas oitocentistas apresentam altos índices de formas nominais de tratamento (incluindo *V. M.*), observamos o uso majoritário do possessivo *seu* (quase 80%) e o emprego mais restrito de *teu* (23,2%), já que os possessivos tendem a acompanhar as formas utilizadas na posição de sujeito, sobretudo no PE. Os resultados também sugerem que, no século XIX, *teu* e *seu* não constituíam, em todos os contextos, variantes possessivas plenamente concorrentes.

Na próxima seção, serão apresentados os resultados da rodada binária sem *knockouts* (100% de uso) para identificar os contextos favorecedores das variantes.

4.2 ANÁLISE VARIÁVEL DE *SEU* E *TEU*: GRUPOS DE FATORES ESTATISTICAMENTE RELEVANTES

Na segunda rodada estatística, a variante *seu* foi postulada como o valor de aplicação e foram selecionados pelo GOLDVARB X três grupos de fatores extralinguísticos: i) a década em que a carta foi escrita; ii) a relação de parentesco entre o remetente e o destinatário; iii) as relações sociais simétricas e assimétricas descendentes/ascendentes; e um intralinguístico: o tipo de posse. Esses resultados

já sinalizam que os fatores sociais são imprescindíveis para explicar a variação dos possessivos de 2SG nessas cartas do século XIX do PE. Descreveremos, a seguir, os resultados obtidos na rodada binária, começando pelos grupos sociais, em 4.2.1 O grupo de fatores linguísticos selecionado será apresentado em 4.2.2.

4.2.1 Variáveis sociais selecionadas na rodada variável

Em 4.2.1.1, temos os resultados da década, em 4.2.1.2, o parentesco, em 4.2.1.3, as relações sociais.

4.2.1.1 Década de escritura da carta

Como mencionado, o *corpus* analisado é constituído por cartas escritas nas quatro primeiras décadas do século XIX (de 1800 a 1839). A tabela 2 apresenta os resultados do período histórico, o primeiro selecionado pelo *Goldvarb-X*:

Tabela 2 – Frequências e pesos relativos das décadas controladas. Valor de aplicação: *seu*

Década	Aplicação/Total	%	Peso relativo
1800	40/50	80%	0.800
1810	215/308	69,8%	0.447
1820	804/1007	79,6%	0.536
1830	129/181	71,1%	0.304

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 2 indica que as décadas de 1800 e de 1820 se mostraram favorecedoras do uso de *seu*, com os pesos relativos de 0.800 para a primeira e 0.536 para a segunda, respectivamente. Esses resultados não apontam para um processo de mudança, mas indiciam altos e baixos intercalados entre uma década e outra.

Ainda que seja um período curto de tempo, apenas 40 anos, nossa interpretação desses resultados está relacionada à natureza do *corpus*, como discutido em 4.1. As formas possessivas no PE acompanham o tratamento na posição de sujeito em um sistema bastante estável. Lopes, Martins e Souza (2021) já mostraram, nesse mesmo *corpus*, que o tratamento *V. M.* na posição de sujeito é bastante regular na amostra ao longo das quatro décadas. Diferentemente, a forma *tu* se distribui irregularmente. Em 1800, *tu* apresentou baixa frequência 22,2%, mas nas

décadas seguintes houve um aumento de uso, acompanhado pela baixa frequência das formas de base nominal. Aparentemente, as formas de sujeito estariam em distribuição complementar na amostra de cartas: ao passo que uma aumenta, a outra diminui.

4.2.1.2 Parentesco/Funções sociais

O segundo grupo de fatores selecionado foi a relação social estabelecida entre os missivistas, o que é um aspecto determinante numa sociedade hierarquizada como era a portuguesa oitocentista. Gouveia (2008), por exemplo, afirma que os indivíduos reconhecem e respeitam essas relações interpessoais e marcam essas diferenças com estratégias linguísticas de distância e de deferência. Estudos sobre o tema, como os de Lucena (2016), apontam a interferência do parentesco no emprego de formas possessivas também em cartas brasileiras dos séculos XIX e XX.

Como mostrado na seção 3, as cartas do *corpus* analisado apresentaram dezenas de relações sociais entre diferenciados remetentes/destinatários. Na tabela 1, mostramos o uso exclusivo, muitas vezes, de *seu* quando o tratamento empregado era de distância, marcado pelas formas nominais de tratamento. Na rodada aqui apresentada em que foram retirados os *knockouts* (100% de frequência de uso), apenas nove relações apresentaram variação entre *teu* e *seu*, conforme consta da tabela 3:

Tabela 3 – Frequências e pesos relativos dos possessivos nas relações de parentesco. Valor de aplicação: *seu*

Relações sociais	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Casal	37/142	26,1%	0.044
Amigos	140/210	66,7%	0.754
Cunhados	3/15	20%	0.361
Irmãos	7/68	10,3%	0.135
Pais > Filhos	2/49	4,1%	0.025
Tio > Sobrinho	1/19	5,3%	0.048
Padrinho > Afilhado	15/26	57,7%	0.731
Cartas para lavrador	12/14	85,7%	0.376
Outras	525/550	95,5%	0.732

Fonte: Elaboração própria.

Esses resultados são bastante reveladores porque indiciam que dos nove tipos de relação em que houve variação possessiva, sete deles envolvem relações familiares, uma entre lavradores e a última classificada como “Outras”¹⁰.

Em termos de frequências brutas, notamos os baixos percentuais de *seu* em algumas relações, como é o caso das cartas trocadas entre casais, com 26,1%; cunhados com 20%; irmãos 10,3%; pais-filhos, com 4,1% e tio-sobrinho com 5,3%. Esses resultados brutos confirmam a hipótese de que formas do paradigma de *T(u)* (*tu, teu, ti, contigo*) são usuais em contextos de mais intimidade (Brown e Gilman, 1960).

No que se refere aos pesos relativos, os resultados da tabela indicam que *seu* (uma forma V) foi favorecido nas cartas entre amigos, (0.754); padrinho > afilhado (0.731) e nas que chamamos de “outros” (0.732). Em (8), ilustramos o uso de *seu* entre amigos de classe social abastada (um membro da Sociedade Real de Medicina de Paris escreve a um diplomata). Brown e Gilman postulavam a reciprocidade de tratamento entre iguais: o indivíduo empregava a mesma forma que recebia:

(8) (...) mostrou-me o burrão da carta q lhe enviara dizendo-me q esperava q **V Exa** lhe escrevesse pedindo lhe quisesse ela informar-se do **[seu]** *procedimento* (Carta de Francisco J. de Almeida, membro da Sociedade Real de Medicina, para seu amigo Dom João de A. de M. e Castro, diplomata, 1801).

Em (9), há uma relação assimétrica (madrinha e afilhado) que favorece uma forma de distância (V) e não (T). Temos um uso caso raro de variação, na mesma carta, de *seu* (escrito *sue*) e *teu* (*tue*):

(9) **Meu afilhado** não ce q valor e de dar a, de **[sue]** *carte* de 22 talves q **tu** dece a carta algu me pesoe pre lle detar o coreiyo e não penso q me acontece u mesmo a mi pur isso por iso quero ir detarle podendo, oje tive o gosto de receber a **[tue]** 2 *carte* (Carta de uma mulher para José A. de A, soldado, seu afilhado, 1833).

Esses resultados do parentesco reiteram que o possessivo *teu* predomina nas relações mais familiares/próximas e *seu* nas demais relações mais distantes, inclusive entre amigos não próximos, confirmando nossas hipóteses.

¹⁰ Foram assim chamadas porque não identificamos o tipo de relação no contexto da carta.

4.2.1.3 Relações sociais (simétricas ou assimétricas)

O terceiro grupo selecionado refere-se às relações simétricas e assimétricas formuladas a partir do texto seminal de Brown e Gilman (1960). As primeiras, por hipótese, favorecem formas de intimidade associadas ao paradigma de *tu* e correspondem a relações mais igualitárias e solidárias. As relações assimétricas, por sua vez, podem ser descendentes, quando o remetente detém maior poder em relação ao destinatário, como ocorre nas interações entre pais/ filhos, tios/ sobrinhos etc. Já as relações assimétricas ascendentes, o remetente ocupa uma posição de menor poder em relação ao destinatário: afilhados/padrinhos, filhos/pais. Nesse último, haveria maior favorecimento das formas de 3P como vemos na tabela 4:

Tabela 4 – Frequências e pesos relativos das relações sociais (simétricas e assimétricas). Valor de aplicação: *seu*

Relações sociais (simétricas ou assimétricas)	Aplicação/ Total	%	Peso relativo
Simétricas	155/304	51%	0.437
Assimétricas Descendentes (Superior > Inferior)	18/94	19,1%	0.619
Assimétricas Ascendentes (Inferior > Superior)	19/20	95%	0.824

Fonte: Elaboração própria

Os resultados mostram que as relações assimétricas favorecem o uso do *seu* com peso de 0.824 para as ascendentes e 0.619 para as descendentes. Como previsto nas hipóteses, as relações simétricas desfavorecem *seu* com 0.437.

O peso relativo mais alto (0.824) sinaliza que nas relações ascendentes é o contexto mais propício ao uso de *seu*. No *corpus*, predominaram três tipos de relações familiares: a de afilhados/padrinho, a de genro/ sogro e a de filho/ pai, em (10) com *vossa* e *seu* na mesma carta, marcando uma relação de deferência entre eles:

(10) Meu querido Pai (...) Ds queira que em breve tempo tenha a honrra de beijar a **[vossa]** mão, e abraçar os meus Manos. Eu como sou só em qualquer parte passo, e por isso dou graças a Ds peso-lhe que me escreva para ter a sasctisfação de saber *notias* **[suas]**. (Carta de Carlos C. Lopes, oficial da Marinha, para Higino X. Lopes, oficial de Infantaria, seu pai, 1831).

Esse resultado para as cartas com relações assimétricas ascendentes vai ao encontro daqueles levantados por Lucena (2016) com cartas brasileiras. Em suas cartas de 1900-1939, o possessivo *seu* também predominou nesse tipo de relação.

As relações assimétricas descendentes apresentaram o segundo peso relativo mais alto para *seu* (0.619), confirmando a hipótese de que em relações mais distantes de superior para inferior prevalece uma forma *V* (no caso *seu*). Na amostra, três dessas relações apresentaram variação das formas possessivas, a saber: carta de pai/ filho, de tio(a)/ sobrinho(a) e de padrinhos/afilhado. Em (11), há um exemplo de variação entre *seu* e *teu* no mesmo contexto de referência ao irmão:

(11) Nada de te mortificares com os revezes de **[teu]** irmão como mandados ao Çeo que numca são pa nosso mal. (...) ora asim mmo tem pedido mto o **[seu]** Irmão as Sras das Lagrimas mas nada. (Carta de Ana para Ana A. F. de Mures, sua sobrinha, 1818).

Por fim, as relações simétricas desfavoreceram o emprego de *seu* com peso de 0.437, o que indica um contexto propício ao possessivo *teu*, confirmando a hipótese. Para ilustrar, o exemplo (12) ilustra uma interação entre cunhados marcada por proximidade, saberes compartilhados e compromisso afetivo, aspectos típicos de relações solidárias:

(12) Hoje q recobro os sentidos mais alguma couza e q me deixam escrever algas poucas letras, apesar de considerar pouco todo o tempo pa dar graças ao Céu por me condenar a vida ahinda pa enparo de **[teos]** innoces sobr(inho)s e de me dizerem q já te escreverão. julgo do meu dever apresentar-te hua ligra idea do trágico acontecimento q sofri, e **[tua]** infeliz Irma (Carta de Antonio José, desembargador, para o cunhado João C. Almeida, padre, 1822).

Os resultados das relações de parentesco e das relações de “Poder e Solidariedade” obtidos nas cartas portuguesas confirmaram as hipóteses formuladas de Lucena (2016) nas cartas brasileiras. O uso do possessivo *teu* prevalece nas relações de proximidade e *seu* nas de distância.

4.2.2 Variável linguística selecionada na rodada variável: o tipo de posse

Apesar dos fatores sociais serem preponderantes na explicação da variação

teu e *seu*, um grupo de fatores linguísticos, tipo de posse, foi selecionado pelo Goldvarb X. Como tem sido discutido na literatura sobre o tema, a noção básica da posse pressupõe uma associação entre um possuidor X e um possuído Y (Langacker, 2009) que será considerada como prototípica quando X carrega o traço [+humano] e Y o traço [+objeto]: *O João = X tem um celular = Y*. Nem sempre, entretanto, o possuidor e possuído são positivamente marcados, porque o conceito de posse se estendeu para novos domínios e estruturas, como as relações entre parte-todo (*O apartamento tem varandas/a varanda dele*), parentesco (*Julia tem uma irmã/a sua irmã*), estado psicológico (*Joana tem medo/o seu medo*), entre outras (Raposo, 2013).

No caso das variantes pronominais possessivas, o traço humano do possuidor estará sempre presente, porque se referem à 2SG do discurso, mas o possuído é variável, ou seja, nem sempre será um objeto concreto, como em *sua/tua irmã* (parentesco), *sua/tua cabeça* (parte do corpo), *sua/tua simpatia* (expressão afetiva), *seu/teu pensamento* (estado intelectual) etc.

Os trabalhos consultados que discutem posse ou descrevem a variação possessiva (cf. Heine, 1997; Raposo et al., 2013; Langacker, 2009; Guedes, 2021; Lucena, 2016), estabelecem uma diferenciação entre a posse alienável e a inalienável. No primeiro, a entidade possuída é um objeto ou uma coisa que pode ser adquirida, substituída, ter a sua relação descontinuada ou ser separada do possuidor:

(13) Com grande gosto recebi a [**cua**] carta (Carta de Gertrudes António, 1822)

Em (13), há uma relação de posse entre o possuidor (António Ferreira) e o objeto possuído (carta) que é algo concreto, adquirível, separável do possuidor, podendo ser transferida a outro com sua autorização: um caso de posse prototípica do tipo alienável.

O grupo das posses **inalienáveis** abrange um elenco maior de possuídos. Trata-se de uma posse não-prototípica que se constitui de uma relação inerente entre possuidor e possuído que não podem ser separados, porque esse último é parte constitutiva do primeiro. Em “a sua barriga”, o substantivo não é um objeto externo que possa ser transferido ou separado do interlocutor sem alterar a própria natureza da entidade a que pertence. Assim, o possuído é conceptualizado como parte

integrante do todo. As relações de parentesco também são inalienáveis, pois, em “seu pai saiu”, existe uma relação estável e dissociável entre o possuído e o possuidor, mas o possuído não pertence exclusivamente a um único possuidor. Nessa relação de parentesco, *pai* envolve uma rede relacional entre diferentes indivíduos (*o meu pai* pode ser também *o seu pai*). O critério central é o grau de separabilidade conceptual entre as entidades envolvidas: na posse alienável o vínculo pode ser facilmente desfeito, mas na inalienável a relação tende a ser interpretada como constitutiva ou inerente ao possuidor (cf. Santos, 2025).

Destacamos, ainda, que alguns poucos dados (35 ocorrências) não se enquadram na tipologia clássica da (in)alienabilidade e foram classificados como “outros” por alguma lacuna, incompreensão de leitura ou falta de informação mais precisa na carta. Está, nesse caso, “da lhe a *tua* e não de E”, em (14), pois não foi possível reconhecer no trecho o “possuído que foi dado”:

(14) meu lindo amor não faças nimgem felis goarda tudo pa mim pa a **[tua]** humilde V. q tanto te adora não te exqueças dela da lhe a **[tua]** e não de E. q os ceos te hao de premiar a **[tua]** genirozidade. (Carta de Josefa Viana para o seu amante, Jacinto J. de Q. Moura, estudante, 1817).

A hipótese para o grupo tipo de posse foi formulada a partir de Lucena (2016). A autora defende que a entrada de *seu* como possessivo de 2SG (e não de 3SG) deu-se primeiramente nos contextos prototípicos de posse alienáveis. Esse seria o primeiro contexto “gatilho” da mudança por ser inegavelmente o ambiente linguístico mais transparente de *pertença*. Os resultados obtidos estão na tabela 5:

Tabela 5 – Frequências e pesos relativos por tipo de posse. Valor de aplicação: *seu*

Posse alienável x Inalienável	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Alienável	254/314	80,9%	0.563
Inalienável	909/1197	75,9%	0.486
Outros	25/35	71,4%	0.408

Fonte: Elaboração própria.

As frequências brutas mostram índices bastante altos para *seu* nos diferentes tipos de posse controlados com percentuais acima de 70%. Os pesos, entretanto,

conseguem apontar o contexto linguístico mais favorável à forma variante *seu*. A posse alienável favoreceu a variante *seu* com 0.563, já a inalienável e os “outros dados” não favoreceram *seu* (0.486 e 0.408), mas sim *teu*.

O resultado está em consonância com a hipótese formulada. Lucena (2016) demonstra o aumento do possessivo *seu* como 2SG ao longo do século XX principalmente nos contextos de posse alienável. Ela argumenta que gradativamente há um aumento de *seu* nos contextos de posse inalienável, mas parece se tratar de contexto de resistência à mudança dessa forma como possessivo de 2SG.

Nossos resultados foram na mesma direção. Acreditamos que isso acontece porque as posses alienáveis são as mais prototípicas, em que o termo possuído é um objeto, podendo ser transferido a outro. Sendo o caso mais prototípico de posse, é nele que a mudança vai se iniciar, espreado-se, posteriormente, para outros contextos. É o contexto mais transparente e é nele que *seu* se inseriu como 2SG.

É possível que a gradação dessa mudança esteja relacionada à própria natureza polivalente de *seu*. Historicamente *seu* atendia à 3SG e 3PL e vem perdendo espaço para *dele/es/as*. Com sua extensão também para a 2P, tal forma passa a operar simultaneamente para a 2P e 3P. Isso gera uma situação de ambiguidade referencial muito mais expressiva do que já havia antes. *Seu* passou a atender de duas a quatro pessoas-número distintos (3SG, 3PL, 2SG e 2PL). Os resultados têm indicado, tanto em Portugal quanto no Brasil, que esse processo gradual de variação e mudança vai se estendendo primeiramente para os contextos mais clássicos de posse e se espalha para outros tipos, como a inalienável.

Aparentemente a alienabilidade ou inalienabilidade da posse são relevantes para a compreensão da entrada do possessivo *seu* como 2SG, apesar de os fatores extralinguísticos analisados exercerem forte influência na variação possessiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das lacunas na amostra histórica, foi possível responder às questões iniciais e tratar, em uma perspectiva variacionista, os possessivos de 2SG no PE oitocentista.

(i) Como se distribuem as formas *teu* e *seu* entre 1800-1840 em cartas do PE?

O número de dados é substancial (1546) com preponderância de *seu* sobre *teu*. A

alta produtividade de *seu* originalmente de 3SG não era esperada, mas foi influenciada pela natureza do *corpus*. O predomínio de relações de distanciamento nas cartas impulsionou o uso de formas de base nominal como mostraram Lopes, Martins e Souza (2021) no estudo da posição de sujeito na mesma amostra.

ii) O tratamento empregado na posição de sujeito interfere no uso dos possessivos?

Os resultados sinalizaram que, como ainda ocorre na escrita do PB, as formas utilizadas na posição de sujeito acionam diretamente no uso dos possessivos no PE. Os paradigmas híbridos ou mistos não são tão usuais no PE, mas identificamos alguns casos esporádicos nas cartas do *corpus*.

iii) Os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem o emprego de *teu* e *seu* no PE são os mesmos observados para o PB? iv) O tipo de posse condiciona a escolha do possessivo nas cartas analisadas?

Quatro grupos de fatores apontados para o PB como condicionantes foram selecionados: a década, o parentesco, as relações e o tipo de posse. Quanto à primeira, houve favorecimento de *seu* na década mais recuada (de 1800-09) e na década de 1830-39. O predomínio de *V. M.* nesses períodos confirmou a influência do sujeito no uso dos possessivos. Quanto ao parentesco, *seu* foi favorecido nas relações entre amigos não próximos e entre padrinho/afilhado, enquanto *teu* predominou em relações mais familiares. As relações simétricas favorecem o uso de *teu* de intimidade. Nas relações assimétricas ascendentes e descendentes, *seu* foi favorecido, com pesos altos nas primeiras, o que confirma o predomínio de formas *V (seu)* nesse contexto. O tipo de posse foi o único fator interno selecionado, o que responde a quarta pergunta. As posses alienáveis se mostraram favorecedoras ao uso de *seu*, assim como fora observado nas missivas brasileiras de Lucena (2016). Isso ocorre porque se trata do contexto mais prototípico de posse e funciona como um “gatilho” da mudança.

Os resultados obtidos em cartas portuguesas do século XIX apontam para a relevância dos fatores sociais no processo de variação possessiva na 2SG.

REFERÊNCIAS¹¹

ABRAÇADO, J. O possessivo seu: diferentes tipos de ambiguidade e de posse.

¹¹ As autoras utilizaram a ferramenta ChatGPT na formatação das referências bibliográficas de acordo com a ABNT e em conformidade com a Portaria CNPq nº 2.664/2026. A revisão do abstract também utilizou a ferramenta.

Gragoatá, Niterói, n. 9, p. 193-203, 2. sem. 2000.

ARAÚJO, F. J. N. de. O uso de pronomes possessivos com referência ao destinatário em cartas pessoais de evangélicos do século XX. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 3303-3320, out./dez. 2018. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2018v15n4p3303>

ARDUIN, J. **A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região Sul do Brasil**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BARBOSA, G. M. O. **O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (ed.). **Style in language**. Cambridge, MA: MIT Press, 1960. p. 253-276.

CALLOU, D.; RUMEU, M. C. de B. Sobre variação e mudança na morfologia dos possessivos: análise de cartas pessoais nos séculos XIX e XX. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-25, 2025. <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2025.e100819>

CARREIRA, M. H. A. **Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso**. Lisboa: Colibri, 2004.

COELHO, I. L. *et al.* História dos pronomes de tratamento no português brasileiro. In: MARTINS, Marco Antonio Rocha; COELHO, I. L.; OSÓRIO, P. (org.). **História do português brasileiro: trajetórias e perspectivas**. Berlin; Boston: De Gruyter, 2025. p. 161-196.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

FARACO, C. A. **O tratamento você em português: uma abordagem histórica**. LaborHistórico, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 114-132, jul./dez. 2017. <https://revistas.ufjf.br/index.php/lh/article/view/17150>

GOUVEIA, C. A. M. As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em português europeu. In: **O fascínio da linguagem: atas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca**. Porto: Universidade do Porto, 2008. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/92308>. Acesso em: 1 jun. 2026.

GUEDES, D. M. **A atuação do tipo de posse na percepção das formas possessivas seu e dele: uma abordagem experimental**. 2021. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

HEINE, B. The state. In: HEINE, B. **Possession: cognitive sources, forces, and grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.v. 1.

LANGACKER, R. W. Possession, location, and existence. In: LANGACKER, Ronald W. **Investigations in cognitive grammar**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2009. p. 81-108.

LIMA, C. H. da R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

LOPES, C.; MARTINS, A. L. N.; SOUZA, J. P. A origem da acepção negativa de você no português europeu: os contextos de uso de Vossa Mercê em cartas oitocentistas. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 93-126, 2021.
<https://revistas.ufjr.br/index.php/lh/article/view/42825>

LUCENA, R. de O. P. **Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LUCENA, R. de O. P. O estudo da variação teu/seu: atuação do fator grau de parentesco. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 5, n. esp., p. 150-168, 2019.
<https://revistas.ufjr.br/index.php/lh/article/view/25091>

MARTINS, M. A. R.; VARGAS, M. R. M. de. Os possessivos de segunda pessoa do singular em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX. **Polifonia**, Cuiabá, v. 21, n. 29, p. 369-395, jan./jul. 2014.
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1945>

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

PINHEIRO, L. R. A alternância teu/seu em cartas mineiras oitocentistas e novecentistas. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 27, n. 81, supl., set./dez. 2021.
<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/861>

RAPOSO, E. B. P. *et al.* **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2013.

RUMEU, M. C. de B.; PEDROSA, Y. T. A alternância teu/seu em cartas brasileiras: uma análise no âmbito da sociolinguística histórica. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2024. <https://revistas.ufjr.br/index.php/lh/article/view/61358>

SANTOS, A. L. N. M. L. dos. **As formas possessivas de segunda pessoa *teu* e *seu* em cartas portuguesas do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2025.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: Department of Linguistics, Univ. of Toronto, 2005.

SILVA, G. M. de O. **Variação no sistema possessivo da terceira pessoa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2008 [1968].

Sobre os autores

Célia Regina dos Santos Lopes

Professora Titular de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da UFRJ desde 1994. Doutorado na mesma instituição (1999). Pós-Doutorado na *Universität Tübingen*, 2010 e na Universidade de Lisboa, 2017-18. Experiência em Sociolinguística Histórica, gramaticalização e sistema pronominal do português. Coordenadora do Projeto 28 da ALFAL “Formas e fórmulas de tratamento em espanhol e em português”. Publicação em parceria com Martin Hummel de *Address in Portuguese and Spanish*, pela De Gruyter: Cientista do Nosso Estado - FAPERJ, 2023-25 e Bolsista de Produtividade do CNPq, desde 2006.

Ana Luiza Neves Martins Lisbôa dos Santos

Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem como pesquisa os possessivos e o sujeito em referência à segunda pessoa do singular em cartas portuguesas do século XIX. Atualmente, é professora da educação básica do município de Petrópolis. Já trabalhou como professora do Colégio de Aplicação (UFRJ) e da rede privada de ensino.